

Moniz, Jorge Botelho. *Secularização: Genealogias, Modelos e Debates*. Coleção Estudos de Religião. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2023, 184 p.

ALEX VILLAS BOAS*

O livro do Jorge Botelho Moniz *Secularização: Genealogias, Modelos e Debates*, da Coleção Estudos de Religião, publicado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda em 2023 é uma preciosa contribuição para a tarefa de literacia de um fenómeno complexo como é a questão da religião e seus novos papéis na Modernidade.

Moniz ajuda a perceber que a categoria secularização é um ponto de partida e não um ponto de chegada para um debate que não somente está longe de se esgotar, mas que é dinamizado de acordo com as próprias mudanças que as *múltiplas modernidades*, em seus diferentes contextos, assumem.

Ao situar o debate no horizonte das ciências sociais e da filosofia da religião, o autor reconhece que a secularização foi, durante décadas, o modelo explicativo dominante da modernidade ocidental, mas que hoje se encontra em revisão. O livro mostra como a teoria da secularização, outrora hegemónica, perdeu a pretensão de universalidade e passou a ser entendida como uma constelação de abordagens diversas, que devem ser lidas no plural – como múltiplas secularizações. Assim, Moniz não propõe o abandono do conceito, mas a sua reinterpretação à luz de contextos diferenciados, oferecendo uma leitura mais ampla e flexível do fenómeno religioso nas sociedades modernas.

* Universidade Católica Portuguesa; Coordenador do CITER – Centro de investigação em Teologia e Estudos de Religião e coordenador do Programa de Doutoramento em Teologia da Faculdade de Teologia. <https://orcid.org/0000-0003-2779-1108>; Email: alexvboas@ucp.pt.

Se a relação entre múltiplas modernidades e religião pode ser pensada como um organismo complexo, o livro de Moniz pode ser pensado como uma caixa de ferramentas que auxilia no exame fino deste intrincado maquinário cultural, social e político que ora funciona como hóspede histórico da Modernidade e ora funciona como hospedeiro. Em certo sentido, a Modernidade necessita da religião para se afirmar em sua proposta ao negar a religião. E em certo sentido, por mais paradoxal que possa parecer, a Religião parece precisar da Modernidade para se reinventar. É a implosão de hegemonias religiosas que permite a sua expansão em variadas formas de interação e convivência.

Essa expansão ganha concretude logo nos primeiros capítulos. No primeiro, Moniz revisita o percurso histórico da relação entre religião e modernidade, mostrando como o discurso científico e político moderno reduziu o fenómeno religioso à esfera privada, mas sem jamais o eliminar. No segundo capítulo, o autor traça as genealogias do conceito de secularização – tanto a sua origem histórica, marcada pela transferência de funções do religioso para o temporal, quanto a sua consolidação como categoria sociológica. O resultado é uma leitura que combina precisão conceitual e sensibilidade histórica, revelando como a secularização sempre foi um processo ambivalente de perda e transformação.

Neste sentido, o livro de Moniz parece nos oferecer, desde a análise genealógica, a descrição da explosão de uma supernova da hegemonia religiosa, em que ocorre um colapso do núcleo que esgota seu combustível nuclear e, impedido de manter o equilíbrio termonuclear, desencadeia em uma explosão violenta na qual se expande a matéria estelar, liberando, com isso, novas energias, e criando novos elementos químicos através de processos sintéticos que criam outras estrelas.

As etapas seguintes do livro, correspondentes ao terceiro, quarto e quinto capítulos, analisam as camadas internas da secularização, como a diferenciação funcional, racionalização, societalização e segurança existencial, que explicam como o religioso se reconfigura dentro das instituições, das práticas sociais e da experiência subjetiva. A partir daí, Moniz apresenta duas alternativas teóricas que desafiaram o modelo clássico: a

individualização e o mercado religioso. Ambas descrevem novas formas de presença do sagrado nas sociedades modernas – uma centrada na experiência pessoal, outra na lógica da oferta e da procura simbólica.

O autor conclui essa parte com uma crítica às falácias persistentes na literatura da secularização: a crença numa era de ouro da piedade passada, o determinismo histórico da modernização e a ilusão do ocaso religioso. Em vez disso, defende uma leitura que reconhece a vitalidade e a reinvenção contínua das formas de fé.

Desde esta metáfora, Moniz denuncia que a tese da secularização pretendia afirmar que a Modernidade estabeleceria uma implosão do religioso, e de facto em certo sentido acerta, porém, para a meio do caminho, sem contar, ou sem aceitar, que algo em mutação no religioso acontece com a própria Modernidade, que não se reduz a mera ressacralização do mundo. A nova constelação carrega algo da antiga supernova, mas se configura fundamentalmente como uma nova galáxia que não retoma seu espaço original, mas antes o expande.

É neste ponto, nos sexto e sétimo capítulos, que Moniz apresenta o que considera o núcleo metodológico do livro: a proposta de uma *secularização contextual*. Inspirando-se na teoria das *múltiplas modernidades*, o autor propõe uma abordagem comparativa, capaz de captar as variações culturais e históricas que moldam o fenómeno religioso. Cada sociedade, ao secularizar-se, produz o seu próprio ritmo e configuração. O sétimo capítulo amplia essa perspectiva ao introduzir a diversidade cultural como uma nova camada interpretativa – elemento essencial para compreender como as religiões se reorganizam num mundo globalizado, marcado por migrações e por novas formas de pluralismo.

Nesse sentido ainda, gostava de evocar a primeira metáfora do hospedeiro para pensar os modelos alternativos à secularização, nomeadamente a individualização e o mercado religioso, sem incorrer no risco de um juízo de valores destes dois modelos, mas a fim de pensá-los em suas dinâmicas de interação com o religioso. A preocupação com as camadas semânticas do conceito de secularização é um grande contributo inicial para o manejo da ferramenta. A noção de transição do sagrado ao secular,

apesar de assumir camadas mais densas em cortes epistemológicos mais filosóficos, políticos e também ideológicos, é fundamental para perceber o deslocamento do epicentro de significação do religioso. Nomeadamente a secularização passa a ser percebida em sua insuficiência pelo processo de individualização e como mercado religioso.

Portanto, na primeira abordagem, pensar o religioso como transição de significação para a individuação parece ser uma nova forma de hospedar o fenómeno que é acolhido pelo indivíduo de acordo com a sua busca de sentido e a necessidade de significação que dimensões de sua vida lhe exigem, sem com isso precisar se comprometer em acreditar em um conjunto de ideias, por vezes confusas, por vezes duvidosas, em um conjunto de ritos de difícil percepção, bem como práticas que por vezes podem ser no mínimo questionáveis.

Ao lado disso, outra forma de se hospedar o fenómeno parece então, exatamente, se especializar em atender as necessidades de significação da existência que o indivíduo tem *on demand*, como mercado religioso. Esta segunda forma, pela sua própria forma de organização em relação à primeira, de se organizar no avesso das formas tradicionais que tendem a normatizar a vida, se organiza pelas supostas necessidades apresentadas pela procura que emerge da individualização, sendo a lei da oferta e da procura a sua lei mais sagrada. Dito assim, este outro modelo parece ser mais parasitário que hospedeiro. Contudo, sem cair no simplismo da classificação, essa lógica mais parasitária só pode existir em conjunto com a primeira.

Abre aqui uma fronteira na relação entre a necessidade existencial e a necessidade de mercado que nos convida a uma revisão histórica dos modelos em que emergem o processo de relação entre Modernidade e religião. E consequentemente me faz pensar em modelos epistemológicos da teologia para lidar com diferentes modelos de relação entre as Múltiplas Modernidades e as Múltiplas formas de religiosidades.

Pois por um lado, o projeto político de eliminação de atores religiosos do cenário político, ainda que questionável em sua tentativa de branqueamento ideológico, não fora de todo gratuito. Vale aqui recordar

como a palavra teologia é utilizada de modo muito difuso no contexto dos séculos imediatamente anteriores à emergência do conceito moderno de secularização. Teologia era evocada pelas Igrejas como doutrina; mas também desde a Renascença como categoria epistemológica alternativa à teologia que se reduzia à doutrina; e ainda como categoria política que evocava uma mediação especial ou até mesmo exclusiva entre a autoridade política e a divindade. Ninguém a não ser Deus poderia questionar o rei, o imperador como Napoleão Bonaparte, ou *Il Duce* ou ainda o *Führer*.

O atual estágio da Modernidade e o capitalismo avançado iniciado com a Revolução Industrial parece expandir essa forma de autolegitimação teológica oferecida pela nova forma de disposição dos elementos teológicos de uma tradição religiosa. Como ajudar o indivíduo moderno em busca de sentido espiritual a não se tornar um mini *Führer*?

Ao longo da leitura, torna-se evidente que *Secularização: Genealogias, Modelos e Debates* não é apenas um estudo histórico, mas também uma proposta de renovação metodológica. O livro sugere que compreender a secularização exige um exercício de tradução entre paradigmas, entre o que se perde e o que se transforma. O religioso, longe de desaparecer, reaparece sob novas roupagens, por vezes fragmentadas, por vezes invisíveis, mas sempre presentes como sinais de uma busca de sentido.

Moniz convida o leitor a abandonar tanto a nostalgia de um passado sacralizado quanto a ilusão de um futuro totalmente secular. A sua análise permite pensar a secularização como processo de deslocamento, não de negação: um contínuo movimento de redistribuição do sagrado no espaço social. Essa leitura evita tanto o pessimismo teológico quanto o triunfalismo secularista e oferece um quadro equilibrado para compreender as ambiguidades do mundo contemporâneo.

A dimensão teológica do livro aparece de modo discreto, mas decisivo. Quando o autor evoca as múltiplas formas de relação entre religião e modernidade, sugere que também a teologia é desafiada a repensar as suas próprias fronteiras epistemológicas. A reflexão sobre a secularização, neste sentido, torna-se também um exercício de autocompreensão teológica:

o reconhecimento de que a linguagem da fé participa das transformações culturais e históricas da sociedade.

O atual estágio da modernidade, marcado pelo capitalismo avançado e pelas novas tecnologias de subjetivação, reativa, segundo Moniz, a tendência para a autolegitimação teológica das estruturas de poder – sejam políticas, económicas ou simbólicas. A secularização, assim, não elimina o religioso, mas reinscreve-o nas práticas sociais de modo muitas vezes invisível. Essa constatação torna o livro relevante não apenas para a sociologia da religião, mas também para o estudo da cultura e da política contemporâneas.

Tal como sugere a metáfora da supernova, o colapso de antigas hegemónias religiosas libertou novas energias de sentido. O religioso expandiu-se em múltiplas direcções, assumindo formas imprevisíveis – da espiritualidade individual à religião de mercado, da mística ecológica às novas formas de engajamento social. A constelação que se forma, após a explosão, não é um retorno ao ponto de origem, mas uma galáxia mais ampla e complexa, na qual convivem crença e descrença, fé e crítica, tradição e inovação.

A obra de Jorge Botelho Moniz desafia, assim, a própria noção de secularização como perda. Ao contrário, propõe vê-la como oportunidade de redescoberta: um processo que revela tanto os limites das instituições religiosas quanto a persistência das perguntas fundamentais do humano. Nesse sentido, a *literacia do religioso* que o livro promove não é apenas um exercício intelectual, mas também um convite à escuta do outro – um chamado a compreender o que ainda resiste, silenciosamente, nas tramas da modernidade.

Talvez aqui, face aos riscos que continuam vivos de conviver com a presença da religião na cultura, também nesse limiar se possa perceber uma outra fronteira que é a de compreender o que há de significativo e construtivo na tarefa de dar sentido à existência e construir relações sociais que permitam outras formas de sentido conviverem de modo cooperativo. Exigiria esse serviço de literacia do religioso ao indivíduo contemporâneo também uma nova postura das tradições religiosas, mais

gratuita? E, portanto, menos associada a um parasita institucional que visa a fidelização da clientela e mais ligada a um serviço de discernimento das tarefas que constituem o tecido humano de significação pessoal e das relações da vida em comum?

Seguramente o livro de Moniz é um bom companheiro de viagem a quem se sente chamado a essa ventura de algum modo. *Secularização: Genealogias, Modelos e Debates* é, portanto, um livro que ilumina as passagens e ambiguidades da relação entre o sagrado e o profano. Sem propor verdades finais, oferece as ferramentas necessárias para compreender o nosso tempo, em que o religioso e o secular não se anulam, mas coexistem como forças complementares da experiência humana. Um companheiro de viagem indispensável para quem se sente chamado a pensar o lugar da religião na modernidade e as possibilidades de convivência entre fé, razão e pluralidade.

